



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Choro brasileiro

No princípio, era a solidão espacial do descampado. Para defender-se, os brasileiros fizeram do apartamento de Raimundo de Brito, na 105 Sul, o quintal para as primeiras rodas de choro. Raimundo era um jornalista muito culto e sarcástico. As mulheres dos boêmios marcavam sob pressão e foram batizadas com a sigla Fidom — Fiscalização Doméstica. Em 1967, o médico

Arnoldo Velloso e o advogado Francisco de Assis, o Six, viajaram até o Rio de Janeiro para conhecer Jacob do Bandolim.

O mestre estava prostrado em uma cama havia três meses, com um sério problema na coluna. Six era gaiato e se apresentou na condição de ginecologista. Velloso estudou na Alemanha e, com a ajuda de Six, fez aplicações da técnica de terapia neural. No dia seguinte, quase que milagrosamente, Jacob levantou-se, pegou o bandolim, chamou Elizete Cardoso e tudo virou uma festa. E assim, estabelecia-se uma conexão afetiva e musical de Jacob com Brasília.

Quando Jacob tocava nas reuniões do sábado à tarde no apartamento

de Raimundo de Brito, as sessões se revestiam de uma sacralidade de missa, era preciso cuidado até para respirar. Jacob exigia uma reverência absoluta à música. Incentivava e cobrava. Não poderia haver mestre mais carismático e rigoroso. Jacob surpreendeu a todos ao afirmar que o citarista Avena de Castro era seu melhor intérprete.

Se o samba é um gênero de classes populares, o choro é de classe média: e veio para Brasília transferido com os funcionários públicos. Ao se mudar do Rio para a capital modernista, Bide da Flauta, o instrumentista preferido de Pixinguinha, resolveu comprar uma espingarda, pois os jornais cariocas diziam que havia

muita onça. Mas ele não encontrou nenhuma onça: topou com Pernambuco do Pandeiro, que logo convidou para animar as rodas de choro.

Certa noite, Tio João travou um duelo com um morcego da Rodoviária até o Clube do Choro. Tio João se defendia com o trombone, mas o morcego contra-atacava com voos rasantes na escuridão do Eixo Monumental. Quando as rodas de choro foram transferidas para o apartamento de Odete Ernest Dias, na 311 Sul, as plantas da flautista revelaram um ouvido apuradíssimo. A audição continua daqueles mestres fez com que plantas vicejassem com um esplendor extraordinário.

Com extrema lucidez, Reco do

Bandolim profissionalizou o Clube do Choro e criou a Escola de Choro Raphael Rabello. Elas projetaram o choro rumo à plataforma do futuro: antes delas o choro era “música de velhos”. Depois, tornou-se música de jovens. Hoje, é possível encontrar uma legião urbana de crianças e adolescentes armados de violões, cavaquinhos, bandolins e pandeiros.

Revelou uma infinidade de talentos da música, que brilham nos palcos mais importantes do país. O Clube do Choro é endereço da boa música e endereço da educação de qualidade. É o que precisamos para construir um país melhor. O Clube do Choro é um motivo de orgulho para Brasília.

PESQUISA / Segundo levantamento do ObservaDF, apesar de estarem satisfeitos por morarem em Brasília, entrevistados reclamam dos serviços oferecidos. Dados indicam caminhos para melhorias que promovam inclusão

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Estudo aponta a qualidade dos espaços públicos, segurança e transporte como principais gargalos

Davi Cruz/CB/D.A.Press



O mestre de obras Pedro Marques, 65 anos, diz que se sente inseguro onde mora, no Paranoá Park

A difícil vida dos idosos

» ARTHUR DE SOUZA
» DAVI CRUZ*

A satisfação dos idosos em viver no Distrito Federal, contrasta com as reclamações quanto à qualidade de alguns serviços públicos, como segurança e mobilidade urbana. É o que revela a pesquisa: Percepção dos idosos sobre viver no Distrito Federal, do Observatório de Políticas Públicas do DF (ObservaDF), projeto da Universidade de Brasília (UnB) que avalia a atuação governamental na solução dos desafios mais agudos da capital.

O resultado do levantamento será apresentado virtualmente, hoje, na plataforma do projeto, por pesquisadores que consolidaram os dados obtidos com mais de 900 idosos de diferentes regiões administrativas.

Os participantes atribuíram valores de 1 a 10 para o grau de satisfação em residir nos locais em que estão fixados em Brasília. A média geral, ficou em 8,2, considerado um bom índice para os estudiosos. Entretanto, quando o assunto é a avaliação de serviços públicos essenciais para o exercício da cidadania dessa parcela da população, o contentamento dos idosos não acompanha essa percepção.

A pesquisa destaca aspectos negativos que servem de alerta para maior empenho do poder público, tais como segurança no entorno da residência;

Dignidade

O plano da Cidade Amiga do Idoso, da Organização Mundial da Saúde, preza pela criação de um ambiente comunitário inclusivo e participativo para todas as idades que visa garantir a qualidade de vida e a dignidade da população à medida que envelhece.

qualidade das calçadas — buracos e irregularidades perigosas —; e facilidade de deslocamento na cidade (confira o infográfico).

Para Ana Maria Nogales, demógrafa e estatística do ObservaDF, envelhecer é uma conquista que deve ser celebrada por toda a sociedade e as cidades devem ser acolhedoras, garantindo qualidade de vida para as pessoas com mais de 60 anos. “A percepção dos idosos sobre viver em Brasília é, em geral, positiva. No entanto, o acesso aos equipamentos e serviços públicos ainda é limitado”, comenta. “Para o DF ser amigo da pessoa idosa, ainda temos um caminho a percorrer”, conclui a especialista.

Contraste de realidades

Morador do Gama, o pintor Renato Nogueira, 77 anos, conhece bem as limitações apontadas pelo estudo. Para ele, a segurança na região onde mora

Viver no DF

Percepção dos idosos de aspectos dos serviços públicos

Grupo 1 — Alta renda

Águas Claras, Jardim Botânico, Lago Norte, Lago Sul, Park Way, Plano Piloto e Sudoeste/Octogonal;

Grupo 2 — Média-alta

Arniqueira, Candangolândia, Cruzeiro, Guará, Núcleo Bandeirante, SIA, Sobradinho, Taguatinga e Vicente Pires;

Grupo 3 — Média-baixa

Ceilândia, Gama, Riacho Fundo, Samambaia, Santa Maria e Sobradinho II;

Grupo 4 — Baixa

Brazlândia, Fercal, Itapoá, Paranoá, Planaltina, Recanto das Emas, Riacho Fundo II, São Sebastião, SCIA-Estrutural, Sol Nascente/Pôr do Sol e Varjão.

SEGURANÇA NO ENTORNO DA RESIDÊNCIA

Acham regular, ruim ou péssima



BURACOS NAS CALÇADAS

Acham regular, ruim ou péssima



IRREGULARIDADES PERIGOSAS NAS CALÇADAS

Acham regular, ruim ou péssima



FACILIDADE PARA SE DESLOCAR NA CIDADE

Não acham ou acham às vezes



*Grupos criados de acordo com a divisão feita pela PDAD, da Codeplan
Fonte: Observa DF

está longe do ideal e as calçadas no entorno do DF, nas palavras dele: não existem. “A gente anda no barro, caindo no buraco ou tendo que passar em meio ao trânsito, porque não temos um local adequado para locomoção”, ressalta.

Situação não muito diferente vista no Paranoá Park pelo mestre de obras Pedro Marques, 65. Ele se preocupa com a segurança do local. “A situação é precária, tem muito assalto para o lado de lá. É difícil de ver

algum policial fazendo ronda, por exemplo”, destaca.

Ao contrário dos outros entrevistados pela reportagem, a moradora do Octogonal Silmara Andrade, 67, está no grupo dos que estão muito satisfeitos com a estrutura e a segurança de onde vive, apesar de admitir que tem conhecimento de ocorrências policiais nas proximidades. “É tranquilo. Somentemente no período de aulas, que alguma criança acaba sendo furtada, vez ou outra”, relata. Em relação à zeladoria e equipamentos

públicos, Silmara elogia as passagens de pedestres. “É bem cuidado, tanto pela administração regional quanto pela população”, conclui a aposentada.

Metodologia

Os pesquisadores do ObservaDF ouviram 913 pessoas, acima de 50 anos, recorte usualmente considerado como parâmetro para pesquisas com idosos, segundo a demógrafa Ana Nogales. A amostra dos participantes

consultados abrangeu todas as regiões administrativas, com o objetivo de conhecer suas percepções sobre o viver na capital do país, além de saber como é o acesso e a qualidade de serviços públicos voltados a essa população. O trabalho é baseado no Guia 3 — Como fazer um diagnóstico — da Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa, do Ministério da Cidadania.

*Estagiário sob a supervisão de Juliana Oliveira



Pacífico/CB/D.A.Press